

Nem de Tal, Agência Estado



Carlos Drummond de Andrade

## Leitura de uma manchete\*

Rubens Rodrigues Torres Filho\*\*

“Morreu nosso poeta”: sob esse título, um jornal de São Paulo estampou, naquela terça-feira, uma ampla foto, da autoria de Nem de Tal (JT, 18/8/87), na qual se vê o itabirano aos 80 anos, cabisbaixo, a testa apoiada sobre as mãos postas – como em feitiço de oração. O relógio de pulso está marcando onze e meia.

Uma primeira leitura, que cedesse à ilusão de se estar diante de uma figura em prece, o leitor tem o dever de, prontamente, repudiar. O “agnosticismo rigoroso” desse homem, declarado e assumido com tanta clareza e serenidade em todas as ocasiões em que vinha ao caso, é o bastante para motivar essa atitude de elementar respeito. Mas entenda-se bem o adjetivo: no que, exatamente, ele é *rigoroso*, a ponto de conduzir Alfredo Bosi a aproximá-lo, com pertinência, ao agnosticismo kantiano? (Cf. *Folhetim*, n. 550, 21/8/87, B-8: “O horizonte de pensamento tangencia a kantiana *coisa em si*, o nómeno, incognoscível”.)

Esse rigor está na aceitação consciente e lúcida do indecifrável, por parte de alguém a quem o escancarar-se da máquina do mundo provoca apenas a transformação da *vagueza* (“E como eu palmilhasse vagamente...”) em *vagar* (“...seguia vagaroso, de mãos pensas”), sem no entanto desviá-lo de

\* Texto originalmente publicado em *Leia*, setembro de 1987. A comissão editorial agradece ao autor a gentileza da permissão de republicá-lo aqui.

\*\* Professor aposentado do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP.

seu caminho. Aceitação crítica que encontraremos formulada também, pauciosamente, ante a enfática pergunta (“Poeta: Deus existe?”), nas palavras da última entrevista: “Quem afirma que ele *existe ou não* emite uma opinião puramente pessoal, porque não há nenhuma base científica para *afirmar ou negar* a existência de Deus.” (JB, 8/8/87) Interpelado na solene qualidade de “Poeta” — Quem, eu? — a pronunciar-se, a dar seu sim-ou-não à lancinante questão, sua reação espontânea vem acompanhada de riso: — “A mim é que você vem perguntar isso?”

### Aporia

Dissipado esse véu, o que diz então, despojada agora de uma religiosidade fácil, a imagem eloqüente? Um leitor justo bem poderia eleger, como legenda para esta foto, aqueles dois versos iniciais de seu terceiro livro:

Tenho apenas duas mãos  
e o sentimento do mundo.

Uma significação verbal, plausível agora, parecerá vir habitar por um instante o segundo termo da locução que enuncia aquela imagem da “mão pensa”, e já uma linha do poema seguinte desse mesmo livro — que é, como todos sabem, a *Confidência do itabirano* — virá acrescentar à figura um indispensável matiz:

...e esse alheamento do que na vida é  
porosidade e comunicação.

Comentemos um pouco essa imporosidade confidenciada, mas tão surpreendente num poeta, num ser que tem por ofício e definição o comunicar-se. Porosidade e aporia, lembraremos então, são da mesma família, descendentes da antiga palavra grega *póros*, que designava, para seus usuários: passagem, via de comunicação, leito ou curso de um rio, ponte, caminho.

Negação disso, pelo prefixo privativo, a segunda daquelas palavras pode adquirir um sentido altamente abstrato, como quando se fala dos diálogos *aporéticos* de Platão, ou conservá-lo pungentemente concreto, como no clássico e revolucionário *No meio do caminho*, que, paradoxalmente, e justamente na sua aparente frustração, é expressão *réussie* do tartamutismo que acomete o dizer perante o “acontecimento” da aporia.

Bloqueio, a-porosidade: que haja um insuspeitado trânsito conduzindo, desta condição intransitável, até a poesia, o poeta mesmo o ensinará num poema que está contido num livro posterior — na obra-prima que se chama *A rosa do povo* (1945) — mas que, na verdade, contém o núcleo — a definição e a explicação mais internas do caráter mesmo do livro inteiro. Um pequeno poema, um soneto em miniatura, que o autor batizou de *Áporo*, fazendo valer o duplo sentido dessa palavra, que, substantivamente, designa certa espécie de inseto de asas membranosas e, como adjetivo, isto mesmo de que falamos. Bastará lê-lo:

Um inseto cava  
cava sem alarde  
perfurando a terra  
sem achar escape.

Que fazer, exausto,  
em país bloqueado,  
enlace de noite,  
raiz e minério?

Eis que o labirinto  
(oh razão, mistério)  
presto se desata:

em verde, sozinha,  
antieclidiana  
uma rosa forma-se

Se “não é longo mentar uma flor” quando se corre “por cima do estreito rio presente”, como está dito em *Contemplação no banco*, outra coisa é saber extraí-la do “largo armazém do factível/ onde a realidade é maior que a realidade” (*Isso é Aquilo*), apesar e através da pedra interceptante. Aquele alheamento ao que é porosidade, dado como traço de personalidade, enlaça-se então, no escritor, a um incessante visar o que é áporo – e o gesto poético passa a ser comparável à *mineração de uma flor*. Pelo ofício das mãos, no ato da *poiese*, não pelo alçar-se especulativo de mente impaciente: penetrando surdamente o reino pré-figurativo da palavra em latência.

### *Crítica do Juízo*

E aqui surge uma nova e inesperada proximidade com o velho Kant, não já com o da rigorosa impenetrabilidade das coisas em si, mas com o da *Crítica do Juízo*, curioso por surpreender as significações em estado nascente. Assim, em *Lição das coisas*, é-nos dado ler, logo em seu poema de abertura: “O nome é bem mais do que o nome: o além-da-coisa, coisa livre da coisa, circulando.” Por isso, qualquer figuração particular, qualquer imagem, de *Fulana (O mito)*, por exemplo, ou da moça de *O padre, a moça* (apesar da transcendental beleza de Helena Ignez), desfigurará fatalmente essa poesia, por mutilação, amputando-lhe os possíveis, que ela quer manter vivos e livres em sua força plasmadora; e converterá a beleza livre (*pulchritudo vaga*) em beleza aderente:

Flores são belezas naturais livres. O que, como coisa, seja uma flor, dificilmente alguém, fora o botânico, sabe; e mesmo este, que reconhece nela o órgão fecundador da planta, quando julga sobre ela através do gosto, não toma em consideração esse fim natural. (*Crítica do Juízo*, § 16: “O juízo-de-gosto pelo qual um objeto é declarado belo sob a condição de um determinado conceito não é puro.”)

Mencionei dois pontos que é preciso saber reconhecer, nesse seu belo rigor, para fazer justiça ao homem e ao artista. Agora, depois dessas fugazes anotações e desse adejar um tanto circunflexo ao redor de Carlos Drummond de Andrade, por ocasião de sua morte, é momento de mentar junto com ele, abstando-nos reverentemente de comentá-los, aqueles quatro primeiros versos, inesquecíveis, da magistral *Elegia* de 1954:

Ganhei (perdi) meu dia  
e baixa a coisa fria  
também chamada noite,  
e o frio ao frio  
em bruma se entrelaça,  
num suspiro.

## Contents

- 11** On the Gilda de Mello e Souza's critical method  
Otília Beatriz Fiori Arantes
- 29** About philosophy and to philosophize  
Roberto Bolzani Filho
- 61** Scepticism and empiricism  
Oswaldo Porchat de Assis Pereira da Silva
- 109** A paper on my desk  
José Arthur Giannotti
- 117** The name of One  
Claude Lefort
- 129** Descartes and Netherlands  
Jean Galard
- 143** Safety and liberty: Spinoza and the construction of peace  
Marilena Chaui
- 167** The differential element of time and physical causality  
in d'Alembert's dynamics  
Michel Paty

- 217** Solipsism and conjecture  
João Paulo Monteiro
- 239** The antinomy and her content  
Gérard Lebrun
- 277** Gérard Lebrun and "le devenir de la philosophie"  
Bento Prado Jr.
- 297** My early ears  
Ruy Fausto
- 301** Lecture of a headline  
Rubens Rodrigues Torres Filho

## INSTRUÇÕES PARA OS AUTORES

1. Os trabalhos enviados para publicação devem ser inéditos, conter no máximo 40 laudas (30 linhas x 70 toques) e obedecer às normas técnicas da ABNT (NB 61 e NB 65) adaptadas para textos filosóficos.
2. Os artigos devem ser acompanhados de resumo de até 100 palavras, em português e inglês (*abstract*), palavras-chave em português e inglês e referências bibliográficas. As obras citadas devem ser ordenadas alfabeticamente pelo sobrenome do autor e numeradas em ordem crescente, obedecendo às normas de referência bibliográfica da ABNT (NBR 6023).
3. A comissão executiva reserva-se o direito de aceitar, recusar ou re apresentar o original ao autor com sugestões de mudanças. Os relatores de parecer permanecerão em sigilo.
4. Trabalhos produzidos em microcomputadores devem ser enviados em disquetes de 3 1/2" em padrão compatível com PC.

## NOTES TO CONTRIBUTORS

1. Articles are considered on the assumption that they have not been published wholly or in part, elsewhere. Contributions should not normally exceed forty double-space pages.
2. A summary abstract of up to 100 words should be attached to the article. A bibliographical list of cited references beginning with the author's last name, initials, followed by the year of publication in parentheses, should be headed "References" and placed on a separate sheet in alphabetical order.
3. All articles will be strictly refereed.
4. Contributors should send two copies or alternatively one hard copy and one soft copy (DOS format 3 1/2" disc in Microsoft Word).